

PRÁTICAS DE ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA (SEA): O DESAFIO DE ALFABETIZAR LETRANDO

Beatriz Andrade dos Santos¹; Aparecida Suiane Batista Estevam²; Bruna Bonivais de Oliveira³;
Sílvia Magaly da Silva Lima⁴; Francicleide Cesário de Oliveira Fontes⁵

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - beatrizandradesantos2@gmail.com¹; Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - suianebatista@gmail.com²; Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – brunabonivais@gmail.com³; Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - silvia_magally@hotmail.com⁴; Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - fran.cesario@hotmail.com⁵

Resumo

O processo de alfabetização tem sido intensamente discutido, isso porque vem configurando-se como um processo complexo e desafiador, principalmente quando se objetiva alfabetizar em uma perspectiva de letramento. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a prática de ensino de uma professora na turma de 3º ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino do município de Pau dos Ferros/RN e identificar a perspectiva didática que a professora alfabetizadora utiliza para promover a apropriação do SEA. Para melhor fundamentação do referido estudo, realizou-se como procedimentos metodológicos o levantamento de referências teóricas que venha ao encontro com os anseios do presente artigo, e uma pesquisa de campo em que técnica de construção dos dados constituiu dos dados adquiridos por meio da observação de duas horas/aulas e do plano de aula das aulas em que realizamos as observações e de uma entrevista realizada com a professora pesquisada, do 3º ano do ensino fundamental I. Nessa perspectiva, é importante refletir sobre a prática de ensino do professor no ciclo de alfabetização, já que esta pode facilitar ou não a aquisição da apropriação do sistema notacional por parte dos alunos, para isso, faz-se necessário que os alfabetizadores vejam o SEA não apenas como um processo mecanicista, mas atrativo e motivador, onde os alunos participam da construção do conhecimento a medida que elaboram suas próprias hipóteses. O presente trabalho possibilitou a realização de uma breve discussão sobre o processo de alfabetizar letrando segundo a perspectiva de alguns autores que desenvolvem discussões nessa área do conhecimento, assim, a discussão teórica possibilitou o embasamento para a análise da pesquisa de campo realizada. Com base nas reflexões e análises, conclui-se que o processo de alfabetizar em uma perspectiva de letramento é desafiador, tendo em vista a heterogeneidade e as dificuldades existente em sala de aula, nessa perspectiva, a professora colaboradora da pesquisa, mesmo com tantos empecilhos que dificulta seu trabalho, objetiva que seus alunos possam avançar em seus conhecimentos, e que os mesmos sejam alfabetizados e letrados para que possam construir uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Prática de ensino, Alfabetização, Letramento.

INTRODUÇÃO



O presente trabalho centraliza-se na discussão sobre a prática de ensino do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), isto é, a prática pedagógica utilizada pelo professor alfabetizador para promover um processo de alfabetização de qualidade aos educandos. Assim, discorreremos sobre a importância do professor trabalhar a alfabetização em uma perspectiva construtivista, o que possibilita desenvolver um trabalho que considere o alfabetizar letrando.

O trabalho surgiu da necessidade de refletir a prática de ensino do professor no ciclo de alfabetização, já que esta prática pode facilitar a aquisição da apropriação do sistema notacional por parte dos alunos e fazer com que o SEA não seja visto apenas como um processo mecanicista, mas atrativo e motivador, onde os alunos participam da construção do conhecimento elaborando, inicialmente, suas próprias hipóteses. Dessa maneira, objetivamos analisar a prática de ensino de uma professora na turma de 3º ano do ensino fundamental da rede estadual de ensino do município de Pau dos Ferros/RN e identificar a perspectiva didática que a professora alfabetizadora utiliza para promover a apropriação do SEA.

Tendo em vista o objetivo proposto, realizamos inicialmente um embasamento teórico nas discussões de alguns autores, que podemos citar como exemplo Morais (2012) que aborda em suas discussões o papel da consciência fonológica no processo de alfabetização e a teoria da psicogênese da escrita, Collelo (2004) que discute o processo de alfabetização na perspectiva de letramento e Vygotsky (1998) que traz significativas contribuições sobre a importância da interação e da mediação no processo de aprendizagem das crianças.

METODOLOGIA

A construção do presente estudo se deu por meio da pesquisa de campo, na qual utilizamos a observação como técnica de construção dos dados e da pesquisa bibliográfica que de acordo com (GONÇALVES, 2001, p. 65) é “[...] aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno”. Neste sentido, buscamos realizar inicialmente a leitura dos referenciais teóricos que, por sua vez, nos ajudaram a fundamentar a pesquisa em questão, além de buscarmos obter informações que possibilitassem posteriormente a discussão e a análise dos dados obtidos através da investigação.

Realizamos subsequentemente a observação de duas horas/aulas nos dias 09/05 e 10/05 de 2017 na turma de 3º ano do Ensino Fundamental da instituição escolar situada no bairro São

Benedito na cidade de Pau dos Ferros/RN, onde na oportunidade aplicamos um questionário contendo algumas perguntas objetivas (acerca da formação da professora) e 3 perguntas subjetivas (acerca da sua prática de ensino) com a professora da turma. Para preservarmos a sua identidade optamos por dar-lhe um nome fictício chamando-a de professora LUA, além disso, recolhemos os planos de aula da professora para constatarmos se a sua prática de ensino condiz com o planejamento sistematizado. Portanto, consideramos que a presente pesquisa é de abordagem qualitativa, isto porque visa compreender os dados com base em todo o processo a partir do diálogo travado com os teóricos e os sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prática de ensino baseada na perspectiva tradicional tem sido bastante criticada por muitos educadores, pois esta tem mostrado muitas limitações no processo de alfabetização da criança. Os métodos tradicionais têm desconsiderado as peculiaridades existentes em sala de aula, assim como a heterogeneidade existente nesse espaço.

Dessa forma, os educadores que sustentam sua prática pedagógica em uma perspectiva tradicional buscam formar sujeitos através da memorização e da repetição, sendo o professor detentor de todo conhecimento e o aluno o receptor passivo. Nessa perspectiva, estes educadores concebem o sistema de escrita alfabética como um ato de codificação e decodificação e utilizam-se de atividades que proporcionam um ensino mecanicista e fragmentado, não permitindo aos educandos uma reflexão sobre sua leitura e escrita.

A partir da década de 1980, houve significativos avanços teóricos acerca do processo de alfabetização, onde este passa a ser visto não como a apropriação de um código, mas como um processo complexo que envolve a formulação de hipóteses a respeito da representação da linguagem.

De acordo com Moraes (2012) a perspectiva didática construtivista seria um dos “instrumentos” que poderiam promover uma aprendizagem baseada no “alfabetizar letrando”, tal perspectiva construtivista explica, de forma geral, o que é a escrita alfabética e como os indivíduos se apropriam dela, além de desafiar a escola a pôr em prática certos princípios de ordem filosófica.

A perspectiva construtivista, tem por objetivo maior construir uma aprendizagem que forme pessoas críticas-reflexivas, isto é, que não sejam conformistas, mas que lutem por seus direitos, inclusive por uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, objetiva também formar

pessoas criativas, emancipadas, capazes de formular seus próprios conceitos, que criam ou recriam conhecimentos e formas de expressão e não “sujeitos” reprodutores de conhecimento, que repetem de forma mecanicista os conhecimentos que lhes são repassados e por fim desafia os professores/educadores a respeitarem as singularidades e os ritmos de aprendizagem das crianças, para que assim possa promover a alfabetização na perspectiva do letramento.

De acordo com (BRASIL, 2010) o papel do professor, é ser um protagonista capaz de se esforçar e promover a igualdade e a melhoria na educação na sociedade atual. No caso da pesquisa aqui desenvolvida, podemos afirmar que apesar de alguns obstáculos estruturais presentes na sala de aula, a professora consegue fazer um bom uso do espaço, pois dá a oportunidade aos alunos de entrarem em contato com os diferentes materiais de ensino, já que na sala existe o cantinho da leitura; o cantinho das regras a serem seguidas na sala de aula; o mural de matemática; o acesso ao armário com materiais didáticos e etc., tal organização promove a criança uma certa autonomia e motivação, pois ao estar em contato direto com esses materiais pode fazer o uso destes, mesmo que indiretamente.

Ao analisarmos a prática da professora em questão, percebemos que a educadora trabalha em uma perspectiva de alfabetizar letrando, pois ela incentiva a prática da leitura e a apropriação do SEA de forma motivadora, à medida que leva para as crianças atividades significativas que visam uma maior interação entre professor-aluno o que faz com que haja conseqüentemente um melhor desempenho na aprendizagem das crianças.

Assim, entendemos que a prática da professora vai ao encontro do pensamento de Leal, Albuquerque e Morais (2007) acerca dos desafios enfrentados no cotidiano do desenvolvimento das práticas pedagógicas durante o processo de aquisição do sistema de escrita alfabética. Pois de acordo com os autores,

Alfabetizar letrando é um desafio permanente. Implica refletir sobre as práticas e concepções por nós adotadas, ao iniciarmos nossas crianças [...] no mundo da escrita, analisamos e recriamos nossas metodologias de ensino, a fim de garantir, o mais cedo e da forma mais eficaz possível, esse duplo direito: de não apenas ler e registrar autonomamente palavras numa escrita alfabética, mas de poder ler – compreender e produzir os textos que compartilhamos socialmente como cidadão. (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2007, p. 81)

Para melhor exemplificarmos com a prática da professora, citamos a trilha de palavras que foi uma das atividades realizadas, pela professora com seus alunos, durante a observação. A referida atividade, objetivou o aperfeiçoamento da língua oral e escrita, tendo em vista que as crianças

teriam que ler as palavras da trilha e logo após escrevê-las e classificá-las em dissílabas ou trissílabas, porém antes do “jogo” iniciar a professora buscou tomar consciência dos conhecimentos prévios das crianças acerca do assunto, sendo que os alunos já demonstravam o domínio sobre a classificação das palavras, que havia sido trabalhado em aulas anteriores.

A leitura foi feita por todos os alunos, inclusive por aqueles que ainda não sabem ler de forma convencional, para estes, a professora lança o desafio de pelo menos dizerem quais são as letras presentes nas palavras.

Após a leitura das palavras, as crianças são convidadas a escrever, em seus cadernos, as palavras ditadas pela professora, de modo que escrevessem conforme os conhecimentos já obtidos, tendo, portanto, uma escrita espontânea.

Nessa perspectiva, percebemos que a professora usa estratégias metodológicas que colocam as crianças para testar suas hipóteses no processo de descobertas da aprendizagem da língua escrita. Sendo assim, é importante que o professor alfabetizador entenda a necessidade de estar sempre colocando as crianças em contato direto com a leitura e a escrita de modo que, de acordo com Collelo (2004) oportunize

[...] o “ciclo do conhecimento” pela testagem das hipóteses ou concepções infantis, promovendo sempre a abertura de novos possíveis e o fechamento dos necessários e [...] garantir, ao longo desse processo, condições para a descoberta e para a estreita vinculação entre o fazer e o compreender. (COLLELO, 2004, p. 50, grifo da autora)

Ou seja, o professor alfabetizador deve oportunizar aos educandos a construção do conhecimento por meio da elaboração de hipóteses e pela testagem e não a reprodução de conhecimento, através da simples repetição e memorização mecânica. Além disso, não deve considerar os sujeitos como tábuas rasas que estão ali para adquirir mecanicamente um código, mas como sujeitos possuidores de ideologias e saberes diversos, que são capazes pensar, raciocinar em seu próprio processo de aprendizagem.

Durante a observação das aulas da professora, foi possível perceber a existência da heterogeneidade, isto é, a sala de aula é constituída por sujeitos variados, o que faz com que o professor seja desafiado a promover uma aprendizagem significativa, capaz de cativar todas as crianças e fazê-las interagir entre si e construir os saberes ali explorados, tendo em vista que o processo de socialização da criança inicia-se desde seu nascimento. Sendo assim, a criança carrega consigo conhecimentos, crenças e valores que são construídos no meio social/extraescolar.

Portanto, é uma atividade sempre desafiadora, para o professor saber identificar/diferenciar os conhecimentos que cada aluno carrega, e encontrar uma maneira de ampliar esses conceitos de acordo com a realidade de cada um. A professora pesquisada promove uma aprendizagem que leva em consideração a realidade social das crianças, onde estas são convidadas a refletir sobre várias situações. Para ilustrar tais situações, fazemos memória a um episódio que poderia ter passado despercebido pela professora, mas que tornou-se motivo de reflexão. Segue o diálogo que presenciamos durante a observação:

Aluno: Não quero estudar porque quero ser “Mc”

Professora: para ser “Mc” é preciso saber ler e escrever, pois como você comporia as músicas se não soubesse escrever?

Tal afirmação, ultrapassa o ensinamento da codificação e decodificação das palavras, pois a professora proporciona a reflexão nos alunos acerca da importância e funcionalidade do saber ler e escrever e da falta que tal aprendizado pode fazer nas várias situações cotidianas, pois conforme Collelo (2004)

[...] aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de forma de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legitimadas em determinado contexto cultural [...]. (COLLELO, 2004, p. 110, grifo da autora)

No desenvolvimento da aprendizagem é necessário que haja alguém para mediar o processo formativo, ajudando, conseqüentemente, o aluno a se desenvolver melhor qualitativamente, já que o professor está ali para dialogar, encaminhar metas e compreender a especificidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação. Pois, de acordo com Vygotsky (1998),

A razão é tão engenhosa quanto poderosa. A sua engenhosidade consiste principalmente em sua atividade mediadora, a qual, fazendo com que os objetos hajam e reajam uns sobre os outros, respeitando a sua própria natureza e, assim, sem qualquer interferência direta no processo, realiza as intenções da razão. (VYGORSKY, 1998, p. 73)

Isto é, a construção do aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo, sendo assim, é de suma importância que o professor assuma o papel de mediador, já que este configura-se como um elo entre o aluno e o conhecimento.

Não podemos falar em mediação, sem deixar de mencionar outro conceito de destaque na teoria de Vygotsky: a Zona de Desenvolvimento Proximal. Dessa forma, de acordo com Vygotsky (1998)

[...] zona de desenvolvimento proximal, é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 112)

Ou seja, para o autor o nível de desenvolvimento real será representado por tudo aquilo que a criança já aprendeu, sendo assim, este é capaz de realizar as atividades de forma independente, sem a ajuda de outra pessoa mais experiente. Já a zona de desenvolvimento potencial engloba os conhecimentos que estão sendo construídos pelos alunos, que necessitam da ajuda do outro para se desenvolver. A zona de desenvolvimento proximal, portanto, diz respeito as constantes transformações que ocorrem no processo de desenvolvimento intelectual da criança.

Ao analisarmos a prática de ensino da professora em questão, percebemos que durante o processo de alfabetização esta, busca trabalhar na sala de aula, os conhecimentos já obtidos pelos alunos, mas também oportuniza a elaboração de hipóteses e conseqüentemente a construção de novos aprendizados que até então não haviam sido descobertos e nem assimilados, mas que a partir da mediação da professora e/ou dos colegas de classe as crianças progredem na construção de seus conhecimentos.

Tendo em vista que o dia das mães ocorre no segundo domingo de maio, a professora realiza na sala de aula juntamente com as crianças, um trabalho referente a esta data comemorativa, tal trabalho objetivava a construção do “diário da mamãe” que oportunizava às crianças o contato com diversos gêneros textuais como: acróstico, poesia, ilustração do presente que gostaria de ganhar e uma foto.

A professora pesquisada começa a trabalhar o sistema de escrita alfabética desde as atividades de rotina como a hora da música de boas-vindas, a oração do dia, o calendário, a chamada. Por exemplo, ao cantar com as crianças proporciona momentos de interação, além de trabalhar outros aspectos da criança, como a memória, a coordenação motora, a expressão corporal e etc., pois conforme afirma Moraes (2012, p. 98) “[...] é perfeitamente possível conjugar atividades de pura expressão lúdica, em que as crianças dançam e cantam [...], com atividades em que assistem a leitura

Ao explorar o calendário questiona as crianças acerca da data do dia e sobretudo o mês, pois é a partir deste último que a professora vai explorando os conhecimentos prévios que as crianças possuem acerca da comemoração existente no presente mês. A aula se dá, no princípio, pela contextualização do tema com a vivência dos alunos, tal contextualização acontece por meio de questionamentos como: o que a mãe representa para cada um de nós? Quais suas características e qualidades? A medida que as crianças falam as qualidades e características das mães, a professora vai escrevendo no quadro e explorando sílaba por sílaba, questionando-os sobre os acentos, quantidade de letras, vogais e consoantes, se uma mesma palavra pode conter uma outra, como exemplo, a palavra “amorosa”.

Professora: Na palavra amorosa, podemos encontrar outra palavra?

Alunos: Sim, amor!

A professora dá sequência a aula introduzindo um vídeo com a música “Trem Bala” de Ana Vilela versão adaptada para o dia das mães, onde leva as crianças a refletirem sobre os vários tipos de mães presente no vídeo como as mães brancas, negras, jovens, idosas, hospitalizadas, pobres, ricas e etc., além de enfatizar o amor de mãe, sua importância e suas qualidades, a importância do amor dos filhos adotivos, onde aqui cabe ressaltar uma intervenção feita por uma das alunas presente na sala, quando afirma: “Mãe não é a que teve, mas aquela que cria”! No mesmo instante a professora compartilha a fala da criança com os demais alunos.

Posterior a esse momento de reflexão, a professora direciona a primeira atividade para a confecção do “diário da mamãe” que seria a construção do acróstico a partir do nome da mãe de cada um. Primeiro, a professora questiona a cada aluno uma qualidade de sua mãe, após dizerem, os questiona como é a escrita da palavra e a escreve no quadro, solicitando-os a escreverem tais características em seus diários de acordo com as letras que compõe o nome da mãe. A partir disso, a alfabetizadora explora outros aspectos da escrita, como a separação silábica e sua classificação, usando a estratégia de bater uma palma para cada sílaba, além de fazer a relação fonemas-grafemas por meio da leitura e escrita das palavras.

Assim, percebemos que a professora desenvolve sua prática pedagógica, considerando que é defendido por Moraes (2012, p. 160), quando afirma que “[...] nesse ensino, devem ser prioridades: ajudar as crianças a produzir melhores textos, a dominar as correspondências letras-som e a começar a internalizar a norma ortográfica”. Isto é, é necessário que a professora alfabetizadora preocupe-se também em apresentar as crianças diversos gêneros textuais que

possuem por sua vez diversas finalidades, além de introduzir e familiarizar as regras ortográficas na escrita das crianças.

Ao questionar a professora sobre a maneira que trabalha a leitura e a escrita na sala de aula e quais estratégias utiliza, a professora Lua (2017) afirma que trabalha de forma sistematizada, isto é, que segue uma sequência didática e que abrange todas as áreas do conhecimento, o que torna-se um aspecto positivo, pois promove a interdisciplinaridade usando desses artifícios para aperfeiçoar a aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, concordamos com Moraes (2012) quando afirma que:

Por trás de qualquer método de ensino e aprendizagem e, mais especificamente por trás de qualquer método de ensino de alfabetização, existe uma teoria sobre o que é o objeto de conhecimento a ser aprendido – em nosso caso, a escrita alfabética – e sobre como os indivíduos o aprendem. (MORAIS, 2012, p. 27)

Ou seja, a prática do professor é intencional, pois objetiva alcançar alguma meta em específico, além disso deve estar embasada em uma teoria para que conseqüentemente tenha sucesso em suas intervenções e mediações direcionadas aos alunos.

Nessa perspectiva, consideramos importante questionar a professora sobre as metodologias trabalhadas na sala de aula e se estas proporcionavam aos alunos a aquisição e apropriação do sistema de escrita alfabética de forma significativa. A professora Lua (2017) afirma que “[...] sempre realizo atividades que levem o aluno a refletir sobre a importância de saber ler no mundo globalizado que vivemos, através de leituras compartilhadas, textos fatiados, textos lacunados, acrósticos, listas, etc.”. Nesse sentido, constatamos, a partir da observação, que a professora tem a preocupação em trabalhar o processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, tendo em vista que a atividade da trilha de palavras desafiava os alunos a fazerem a relação grafema-fonema, a identificarem a quantidade de letras e a possibilidade de construir novas palavras, a classificar as palavras por meio da batida de palmas e a reconhecerem a importância da leitura nas situações cotidianas, como: fazer a feira no mercado, as placas no trânsito e etc..

Já na atividade voltada para a construção do diário, a alfabetizadora propõe que as crianças escrevam conforme já saibam, oportunizando a estas a oportunidade de testar suas próprias hipóteses. Sendo assim, consideramos que tais atividades, visam despertar na criança a reflexão e a autonomia para que possam construir seus próprios textos acerca dos assuntos trabalhados, além disso, consideramos que o questionamento feito pela professora faz com que haja a participação ativa do aluno em sala de aula, além de promover a interação afetiva entre professor e aluno.



Ao fazermos a análise dos planos de aula coletados e relacioná-los à prática de ensino da professora, podemos identificar que esta põe em prática tudo aquilo que está esquematizado em seu plano de aula. Nessa perspectiva, como afirma Masetto (1996, p.86) “[...] o plano é um documento escrito que materializa um determinado momento de um planejamento. É a apresentação, de forma organizada, de um conjunto de decisões”, ou seja, a professora utiliza-se do seu plano de aula para seguir os objetivos que pretende alcançar em determinada aula e que estão esquematizados em seu plano.

Nesta perspectiva, a professora pesquisada realiza a relação teoria-prática, isso porque consegue trabalhar em uma perspectiva de letramento, já que nas atividades desenvolvidas em sala, promove a apropriação do sistema de escrita alfabética a partir da leitura e elaboração de pequenos textos; da leitura de imagens a partir do vídeo trabalhado, além de aguçar o senso crítico das crianças a partir de questionamentos, o que promove consequentemente a interdisciplinaridade.

CONCLUSÕES

Portanto, ao finalizarmos a escrita do presente trabalho, consideramos importante refletir sobre a complexidade do processo de alfabetizar letrando, tendo em vista que tal processo é desafiador principalmente para o professor, pois assim como presenciamos na observação em sala de aula, existem inúmeras dificuldades tais como a heterogeneidade da turma e a estrutura limitada para que a professora alfabetizadora desenvolva a sua prática de ensino com melhor qualidade.

Ao desempenhar o processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, a alfabetizadora busca desenvolver nos alunos não somente a capacidade de codificar e decodificar a língua escrita, mas fazer com que estes utilizem tais habilidades no seu cotidiano, isto é, usar a língua (oral e escrita) nas diversas situações cotidianas, dando a esta uma funcionalidade social.

Diante disso, a prática de ensino que possibilita a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA) é aquela que oportuniza aos alunos vivenciar práticas de leitura e escrita, já que, vivemos em uma sociedade grafocêntrica, isto é, em uma sociedade que está cotidianamente rodeada de situações de leitura e escrita. Dessa forma, é papel do professor proporcionar situações de letramento durante o processo de alfabetização das crianças, para que sua aprendizagem não se limite apenas ao processo de aquisição do código escrito, mas que também aprenda a utilizar tais aprendizados em sua realidade social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). Resumo Técnico-Censo da Educação Superior de 2009. Brasília: Inep, 2010.

COLELLO, Silva Mattos Gasparian. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. ed. Alínea: Campinas, 2001.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. Letramento e Alfabetização: Pensando a Prática Pedagógica. In: _____ **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MASETTO, MARCOS. Um plano e seus componentes. In: _____ **DIDÁTICA: A aula como centro**, 3ªEd. São Paulo: FTD, 1996, p.86-70;

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética / Artur Gomes de Moraes**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.